

# O USO DA DIALÉTICA NAS TEORIAS DO ENVELHECIMENTO: CRÍTICA NO MATERIALISMO EMERGENTISTA

*Gleidimar Magalhães Campos<sup>1</sup>  
Victor Linking Magalhães Campos<sup>2</sup>*

## RESUMO

*O paradigma dialético de compreensão do envelhecimento é uma das perspectivas mais adotadas e discutidas entre as teorias dessa etapa desenvolvimental. Não obstante, a própria noção de dialética tem recebido críticas de autores como Mario Bunge, filósofo da ciência e principal expoente do sistema filosófico do materialismo emergentista. Considerando a adoção da dialética por algumas dessas teorias, o presente artigo pretende aplicar a crítica bungeana ao paradigma, buscando-se demonstrar a possibilidade válida dessa crítica e a incompletude da perspectiva dialética para dar conta de uma compreensão do desenvolvimento humano em sua totalidade.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *dialética; método; desenvolvimento; velhice; materialismo.*

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Especialista em Atenção Psicossocial e Saúde Mental pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), com formação em Educação Sistêmica pelo Instituto Desenvolvimento Sistêmico para a Vida (IDESV). E-mail: [gleidipsico@gmail.com](mailto:gleidipsico@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6537-0414>

<sup>2</sup> Psicólogo, graduado pelo Centro Universitário de Patos de Minas (Unipam). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: [victorlmcampos@gmail.com](mailto:victorlmcampos@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1162-3137>

## THE USE OF DIALECTICS IN THEORY OF AGING: CRITICISM IN EMERGENTIST MATERIALISM

### ABSTRACT

*The dialectical paradigm of the science of aging is one of the most adopted and discussed perspectives among the theories about this developmental stage. Nevertheless, the very notion of dialectics has received criticism from authors like Mario Bunge, philosopher of science and main exponent of the philosophical system of emergentist materialism. Considering the adoption of dialectics by some of these theories, the present article intends to apply Bungean criticism to the paradigm, seeking to demonstrate the valid possibility of this criticism and the incompleteness of the dialectic perspective to account for an understanding of human development.*

**KEYWORDS:** *dialectic; method; development; elderly; materialism.*

## INTRODUÇÃO

Reconhece-se hoje como as teorias do envelhecimento podem classificar-se segundo *paradigmas* (e.g., ANTONUCCI; WEBSTER, 2014; FONSECA, 2007; NERI, 2011) definidos como núcleos de pesquisa que se estabelecem sob os mesmos pressupostos epistemológicos e ontológicos, que seriam, por definição, *incomensuráveis*, opostos uns aos outros em seus princípios (KUHN, 2013; NERI, 2011), de acordo com seu principal formulador na filosofia da ciência, Thomas Kuhn (1922-1996). A ciência psicológica, como um todo, estaria ainda sob a coexistência de paradigmas desse tipo, reconhecidos como sistemas psicológicos, escolas, teorias ou abordagens, muitas das quais se contradizendo e cada uma das quais com seus próprios métodos e fundamentos (LIMA E SILVA, 2016).

Um desses núcleos em teorias do envelhecimento é o chamado *paradigma dialético* (FONSECA, 2007, 2010; NERI, 2011), surgido em meados do século XX como alternativa aos paradigmas mecanicista e organicista vigentes (FONSECA, 2007). Seu fundamento, como qualquer perspectiva dialética nos campos do conhecimento, é a adoção de uma causalidade baseada nas contradições entre elementos e nos resultados integradores dessas contradições (BARBOSA; FRANCISCO; EFKEN, 2008; NERI, 2011). Esta última autora, ainda, como definição do paradigma, salienta seu caráter mutável:

Uma posição dialética em psicologia focaliza a mudança, a interação dinâmica, a causação simultânea e mútua, a falta de completa determinação e a atuação conjunta de processos ontogenéticos (individuais) e histórico-culturais (coletivoevolutivos) na determinação do comportamento e do desenvolvimento [...] (NERI, 2011, p. 105).

A dialética, presente desde o período pré-socrático na Filosofia, popularizou-se com Friedrich Hegel (1770-1831) e o materialismo histórico de Karl Marx (1818-1883); desde então, tem tido particular influência sobre o método das ciências sociais e das humanidades. Entretanto, apesar de sua influência e da lógica de seus fundamentos, a dialética tem sido confrontada por autores, entre os quais se insere Mario Bunge (1919-2020), filósofo da ciência argentino recentemente falecido, que aponta seus equívocos implícitos e sua inaplicabilidade frente a princípios da lógica como ele a concebe e em conformidade com sua filosofia, o materialismo emergentista (BUNGE, 1981, 2015).

O objetivo deste trabalho será analisar os fundamentos conceituais, epistemológicos e ontológicos do paradigma dialético em teorias do envelhecimento. Esse objetivo geral desdobra-se nos objetivos específicos de: a) confrontar esses fundamentos com a argumentação do materialismo emergentista bungeano a respeito da dialética; b) utilizar a concepção filosófica materialista emergentista para encontrar contradições possíveis nesse paradigma, se houver; e c) refletir sobre a real possibilidade de compreensão do desenvolvimento a partir desse paradigma.

Tem-se, para isso, como base, obras de Bunge (e.g., 1981, 2015) nas quais o autor se dedica à elaboração de uma crítica do método dialético e da própria concepção de dialética, bem como a adoção, principalmente, do capítulo de Neri (2011), em que a autora apresenta um panorama do paradigma a ser avaliado. A escolha deste trabalho (NERI, 2011) como fundamento da análise deve-se à abrangência introdutória e de objetivo didático de sua apresentação das teorias do envelhecimento, cobrindo sete dos principais paradigmas de estudo do tema.

Os objetivos descritos, se concretizados, possivelmente encontraram contradições no paradigma dialético. Realçar essas contradições deve significar que é possível uma crítica ao paradigma dialético, sem que isso aponte para a conclusão da inaplicabilidade desse paradigma ou de seu completo equívoco. Como a própria autora considera, cada paradigma contribui à sua maneira, e de forma complementar, ao conhecimento científico do envelhecimento em sua totalidade (NERI, 2011), o que, em si, já pode ser uma crítica à incomensurabilidade dos paradigmas. Entre consensos e dissensos operando para validar ou extirpar a noção dos paradigmas kuhnianos nas teorias psicológicas, Carone (2003) argumenta em favor dessa última visão.

A argumentação presente percorrerá, portanto, quatro etapas. Será realizada, primeiro, uma apresentação geral do paradigma dialético em teorias do envelhecimento, para elucidar seus conceitos e pressupostos, principalmente com base em Neri (2011). Depois, serão dadas as críticas de Bunge (1981, 2015) à dialética. Em terceiro lugar, a aplicação dessas críticas aos fundamentos do paradigma dialético expostos na primeira etapa ou seção deste trabalho. A conclusão adotará, por último, uma síntese do que a crítica à lógica dialética pode fornecer para subsidiar em uma crítica ao paradigma dialético em teorias do envelhecimento.

## **O PARADIGMA DIALÉTICO**

Neri (2011) apresenta a posição dialética em psicologia como a compreensão de que existem interações recíprocas e frutíferas entre contradições. A autora menciona a obra teórica de Riegel (1976) como o principal nome no paradigma dialético, segundo o qual há mudança, interação dinâmica, causação simultânea e atuação conjunta de processos ontogenéticos (do desenvolvimento individual) e histórico-culturais (coletivos e evolutivos) na determinação do comportamento e do desenvolvimento. Um exemplo clássico dessa posição, segundo a autora, seria a ideia de Jean Piaget (1896-1980), em sua obra, de assimilação e acomodação.

Para esse teórico, há dois mecanismos básicos do funcionamento cognitivo: um processo de assimilação, no qual o indivíduo altera a informação recebida para adequar-se a estruturas de conhecimento já estabelecidas, e um de acomodação, em que as estruturas cognitivas já existentes são alteradas de modo a agregar um novo conhecimento (SUTHERLAND, 1996). O próprio Piaget definiu como “dialética” essa relação entre estruturas do pensamento, em distinção do caráter gestáltico das estruturas perceptivas (PIAGET, 1979; PENNA, 1980).

Tornando ao paradigma dialético, o foco do paradigma em teorias do desenvolvimento é o abandono da perspectiva organicista (desenvolvimento ordenado e estagnação na velhice) e sua substituição por uma concepção dialética, para a qual o desenvolvimento dura toda a vida e é presidido por influências de natureza, igualmente, inato-biológica, individual-psicológica, sociopsicológica e natural-ecológica (RIEGEL, 1976). Haveria períodos “normais” em que esses componentes estariam em sincronia, funcionando perfeitamente a relação dialética de contradição e conflito gerando estados de equilíbrio que agreguem características de ambos os elementos (inato-biológicos e sociopsicológicos, individual-psicológicos e natural-ecológicos, entre outros) (FONSECA, 2007).

Eventualmente, como destaca Neri (2011), esse processo é interrompido ou obstado por conflitos mais significativos entre esses componentes, levando a crises de duração variável que poderão ter efeitos positivos ou negativos. Exemplos são a ocorrência do climatério (inato-biológico), a aposentadoria (sociopsicológico), um

terremoto (natural-ecológico). O caráter dialético dessas crises é evidenciado pela afirmação da autora:

Depois desses eventos, a experiência não mais será a mesma, e o processo de desenvolvimento integrará o novo elemento produzido pelo enfrentamento do desafio. Instabilidades e descontinuidades no desenvolvimento caracterizam assincronia entre os vários domínios e criam focos de tensão e de conflitos. Esforços adaptativos do indivíduo – por exemplo, investindo em novos conhecimentos, em novos papéis ou em mecanismos de enfrentamento – conduzem o desenvolvimento a uma nova síntese, ou a um novo período de desenvolvimento normal, e assim sucessivamente (NERI, 2011, p. 106).

Outro exemplo, segundo Neri (2006), é a noção de desenvolvimento para Lev Vygotsky (1896-1934), desenvolvida por ele sobre a interação entre processos individuais de obtenção do conhecimento e mediação social para a obtenção. Há, conforme a concepção do teórico, uma interação dialética entre atividades individuais e sociais, cujo resultado é a obtenção ou ampliação do conhecimento individual, o qual, por sua vez, tem potencial para mudar os próprios componentes sociais em que se desenvolve.

Em suma, o paradigma dialético assume que o desenvolvimento, em qualquer etapa da vida – trabalhando com a infância, como Piaget (2013) e Vygotsky (1991), ou com o envelhecimento, como Riegel (1976) – não segue padrões de estágios ou fases, mas percorre uma evolução contínua em que as condições atuais resultam de interações entre fatores diversos de determinação do indivíduo, especialmente ontogenéticos e ambientais.

#### **A CRÍTICA BUNGEANA À DIALÉTICA**

A crítica de Bunge à dialética consiste antes em uma crítica à *ontologia* implícita do método dialético do que à sua validade enquanto método em si. Ou seja, refere-se antes à teoria, implícita no método dialético, sobre a *natureza das coisas* ou sobre como elas são categorizáveis na realidade (BUNGE, 2015).

Segundo o autor, a ontologia dialética possui um núcleo plausível, cercada por uma “névoa mística” (BUNGE, 1981, p. 41, trad. livre). Esse núcleo logicamente plausível da dialética se define pelas afirmativas de que: (i) todas as coisas estão sob algum processo de mudança; (ii) que, em certo ponto, nessas mudanças, novas

qualidades emergem. Quanto à “névoa” em torno do núcleo, a dialética é implausível, segundo o filósofo, por afirmar que: (iii) para todo objeto deve haver um “anti-objeto” seu oposto; (iv) todos os opostos entram em conflito, do qual, sempre haverá um resultado que aniquila um dos componentes em conflito ou que sintetiza qualidades de ambos; (v) cada estado resultante do desenvolvimento nega o estado anterior ou lhe é, de alguma forma, superior (BUNGE, 1981, 2015).

Essas conclusões não são necessariamente verdadeiras na realidade e o erro da dialética é analisar o desenvolvimento de um sistema sob essas regras, que seriam, na verdade, contingentes e eventuais. A realidade não é exclusivamente dialética de modo a ser possível vê-la como um todo por esse filtro (BUNGE, 2015).

Bunge (1981) ainda resume os “Princípios da Dialética”, elaborados por toda a história do método dialético moderno, de Hegel a Vladimir Lenin (1870-1924), para fins de uma crítica específica e por etapas. Para ele, é possível uma crítica a cada princípio da dialética:

a) Princípio de que tudo tem seu oposto: tal se baseia na noção de que um ser tenha como oposto um não ser, com o qual pode se relacionar durante o desenvolvimento dialético. Isso, entretanto, não parece fazer sentido enquanto oposto, já que todo o restante do universo se classificaria como oposto do objeto e suas relações com quaisquer outros seriam simples relações entre elementos da realidade. A categoria, portanto, torna-se por demais ampla para tornar-se útil.

A noção de oposto, ainda, pressupõe uma correspondência linear, como a existente entre um vetor à esquerda e o seu inverso, à direita. Mas tal tipo de relação nem sempre estaria presente: não há oposto para a luz, visto que a escuridão trata-se da ausência de luz, não de algo de existência objetiva.

b) Princípio de que cada objeto é inerentemente contraditório, ou seja, foi constituído por componentes mutuamente opostos: na verdade, visto que a contradição e a oposição são noções diametrais, como explicitado no princípio anterior, raramente se encontra um objeto surgido de uma relação desse tipo. Não se trata de negar os resultados sintetizadores de conflitos, mas sim sua universalização. O autor exemplifica: a formação do hidrogênio não deriva da

interação conflituosa entre dois átomos de hidrogênio. Ademais, pelo próprio fato de serem do mesmo elemento, não se conformam enquanto opostos.

c) Princípio de que toda mudança no desenvolvimento de um sistema foi o resultado de uma tensão ou conflito de opostos, seja de aspectos internos ou externos ao sistema: a negação do princípio anterior serve também a este. A dialética, neste ponto, parece confundir a interação entre dois elementos como sendo sempre uma interação ontologicamente conflituosa, quando, na verdade, o desenvolvimento de um sistema pode partir da interação não conflituosa de elementos, como visto no exemplo anterior.

d) Princípio de que o desenvolvimento de um sistema é uma espiral, em que cada nível contém o nível anterior e o nega, simultaneamente: o argumento do autor é, novamente, em síntese, a falta de clareza com o que se configura como oposto ou negação e a impossibilidade de universalização do princípio.

e) Princípio de que toda mudança quantitativa termina em certa mudança qualitativa, além de que cada qualidade tem seu próprio modo de mudança quantitativa: conforme exposto por Wan (2018, p. 3), trata-se, para a concepção de Bunge, da única “hipótese defensável e, logo, apta de se manter”. Isso se dá grandemente em razão de sua visão emergentista da realidade, segunda a qual, o todo de um sistema apresenta qualidades ausentes em seus componentes tomados individualmente (emergentes). Por outro lado, para Bunge (2003), a emergência das qualidades, no entanto, é teoricamente compreendida a partir da estrutura do sistema (o caráter das relações mantidas entre seus elementos, as quais, como visto, não serão sempre conflitivas dialeticamente).

Há por fim, a crítica de que a dialética não engloba a lógica formal, por uma não admissibilidade do princípio de não-contradição (BUNGE, 1981). As contradições evidenciadas, inerentes aos pressupostos de um método dialético, indicam sua inaplicabilidade, portanto, segundo Bunge (1981), pelos motivos principais de que: a) o conceito dialético é ambíguo e impreciso; b) seus princípios perdem, sob análise, sua



universalidade; c) não constituem, portanto, uma teoria aplicável da mudança dos sistemas; d) não se circunscrevem à lógica formal; e) sua hipótese admissível assim o é sob outra ontologia (p. ex., a do materialismo emergentista), sem as contradições das demais hipóteses a que se liga.

Claramente, a palavra bungeana não é final e não está livre de respostas e críticas dos que trabalham com a dialética. Mesmo a obra marxista, pode-se argumentar, é o confronto e a verificação dialética com os fatos da realidade, em especial da realidade da luta de classes e suas expressões em âmbito coletivo e individual (LOSURDO, 2015); o diálogo entre a lógica dialética e a lógica formal é estabelecido, entre outros, por Lefebvre (2013) e Prado Jr. (1979); e uma integração entre o materialismo emergentista de Bunge e, por exemplo, o materialismo histórico-dialético já foi buscado por, pelo menos, Wan (2018) e, em partes, Creaven (2000), na medida em que este busca clarificar suas relações com o realismo e o sistemismo que são, ambos, adotados na filosofia do autor argentino.

#### **A CRÍTICA AO PARADIGMA DIALÉTICO DO ENVELHECIMENTO**

Cabe explicitar a crítica bungeana à dialética adotada nesse paradigma do envelhecimento por meio de exemplo, no qual as incongruências da concepção se evidenciem em eventos reais possíveis de ocorrer e reorganizar a experiência subjetiva dos indivíduos nessa etapa do desenvolvimento. Exemplos sugeridos por Moreira (2012) como acontecimentos desse tipo são a aposentadoria, eventos não esperados ou eventos de vida estressante, como a doença ou a morte. Tome-se um deles.

Elabore-se e se considere um evento concreto da aposentadoria. Para se considerar dialético que ela (elemento A) conflitaria com, talvez, a condição de vida acostuada ao trabalho (elemento B), gerando ansiedade (resultado C) sob a nova realidade ociosa da rotina, caberia que A e B fossem opostos entre si, eles de negação recíproca que, em realidade, não têm esse caráter. A ausência de trabalho não é uma realidade objetiva, como o é toda a totalidade de atividades físicas de um ser humano que são consideradas “trabalhar”, estas, sim, eventos reais num objeto concreto: o corpo humano. Ou seja, ontologicamente, A não é o oposto diametral de B e C não é, portanto,

um resultado sintetizador de A e B, não sendo, desse modo, um sistema dialético. A raiz (ou uma delas) das contradições dessa concepção é o fato mesmo de que B não existe.

Argumenta-se que não é propriamente a ausência de trabalho uma raiz etiológica da ansiedade, mas a ocorrência de demais fatores que acompanhem a aposentadoria, como a atenção voltada a novos pensamentos ou lembranças, que incidem no tempo ocioso; a emergência de novos hábitos; o surgimento de novos tipos de convivências sociais, por exemplo. Mas mesmo esses elementos, analisados pormenorizadamente, não guardam a correspondência inversa do que seria um “oposto”, dentro da mínima indicação do que esse conceito parece referir na visão dialética. Ou, se se trata de um oposto no sentido do não-ser – não ser a vida cotidiana do trabalho – cai-se na inutilidade da abrangência quase universal do “não-ser”.

A observação de que o que se propõe como síntese, de fato, não decorre de uma interação dialética deve ocorrer em outros exemplos. A noção, também, de que um estado depressivo (C) seja o resultado da interação entre estressores ambientais (A), como a vivência da perda ou luto, e uma suscetibilidade ontogenética (B) para responder dessa forma à experiência, não procederia por ignorar fatores externos, como o possível sedentarismo, por exemplo, do indivíduo, fator externo à relação em questão e que também é influente no desenvolvimento da depressão, como evidenciam Minghelli *et al.* (2013). O panorama deve ir além das relações entre elementos diametralmente opostos, como quer a dialética (BUNGE, 2015).

Assim, a noção de que o caráter das capacidades cognitivas de assimilação e acomodação do sistema de Piaget seja dialético também é excluída como inválida por se tratar de elementos opostos e de existência particular (estruturas cognitivas e estímulos a serem assimilados ou acomodados). Também não é dialético o sistema de Vygotsky por ignorar, em sua explanação das relações entre mediação instrumental e social e zona de desenvolvimento real (conhecimento já adquirido socialmente), os fatores biológicos que, em primeiro lugar, por exemplo, permitem a obtenção de conhecimento, como bem aponta Castañon (2007) em sua crítica à psicologia vygotskyana. Erra-se, portanto, na interpretação desses sistemas enquanto dialéticos, quando, na verdade, tratam-se meramente de relações causais simples ou correlações entre variáveis (BUNGE, 1981, 2001).

Uma análise nesse sentido já demonstra, ao menos, a incompletude do paradigma dialético para a compreensão da totalidade do envelhecimento, compreensão que seria desejável na visão de Bunge (2003) frente à busca de unidade e coesão científicas. Não obstante, a crítica que evidencie essa incompletude também se sustenta a favor da afirmação de Neri (2006) sobre a complementaridade dos paradigmas.

A crítica ao uso da dialética em psicologia e aos estudos interdisciplinares do desenvolvimento estende-se, idealmente, portanto, para além da crítica ao paradigma dialético em teorias do envelhecimento, sendo aplicável a toda a adoção dessa perspectiva sobre a realidade. Também pode ser possível, no entanto, uma contra-argumentação em favor ou da dialética ou da integração entre os dois sistemas a respeito dessas teorias, principalmente adotando-se as perspectivas de Lefebvre (2013), Prado Jr. (1979), Wan (2018) e/ou Creaven (2000), mencionados. A estudos futuros cabe esse argumento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao exposto, conclui-se que: a) é possível uma crítica ao paradigma dialético do envelhecimento a partir do materialismo emergentista; b) essa crítica incide, principalmente, na falta de clareza do que é a negação recíproca entre os elementos em interação e na ocorrência de outros elementos determinantes à emergência de novas vivências e experiências na velhice, além daqueles em conflito considerados na análise dialética; c) o paradigma mostra-se incompleto para a compreensão da totalidade da velhice; d) se numa teoria científicista como a de Bunge essa incompletude serve à posterior superação da teoria, outras perspectivas a adotariam como evidência de uma possível complementaridade de teorias para a ciência do desenvolvimento.

Salienta-se, contudo, a limitação metodológica deste estudo, a ser corrigida em estudos futuros a partir: a) de uma pesquisa mais abrangente de fontes primárias ou secundárias de obras constituintes do paradigma dialético, a fim de uma análise sobre um número maior de aspectos além dos citados aqui; b) a necessidade de avaliação crítica pormenorizada dos argumentos do materialismo emergentista sob novos avanços em estudos dialéticos. Também se salienta a possível contribuição de uma análise crítica e filosófica do modelo *life-span* do envelhecimento elaborado, por Baltes (1987, 1997),

reconhecida a influência que sofreu do paradigma dialético e a influência que exerce hoje nas teorias do envelhecimento (NERI, 2011).

**Sobre o artigo:**  
**Recebido: 19/03/2020**  
**Aceito: 09/06/2020**

## REFERÊNCIAS

ANTONUCCI, Toni C.; WEBSTER, Noah J.. Rethinking cells to society. **Research in Human Development**, [s.l.], v. 11, n. 4, p.309-322, 2 out. 2014.

BARBOSA, Leopoldo Nelson Fernandes; FRANCISCO, Ana Lúcia; EFKEN, Karl Heinz. Morte e vida: a dialética humana. **Aletheia**, Canoas, n. 28, p. 32-44, dez. 2008.

BALTES, Paul B.. Theoretical propositions of the life-span developmental psychology: on the dynamics between growth and decline. **Developmental Psychology**, [s.l.], v. 23, p. 611-696, 1987.

BALTES, Paul B.. On the incomplete architecture of human ontogeny: selection, optimization and compensation as foundation of developmental theory. **American Psychologist**, v. 52, n. 4, p. 366-380, 1997.

BUNGE, Mario. **Scientific Materialism**. Dordrecht, Boston, Londres: D. Reidel Publishing Company, 1981. 235 p.

\_\_\_\_\_. **Emergencia y convergencia: novedad cualitativa y unidad del conocimiento**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2003.

\_\_\_\_\_. **Evaluando filosofias**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2015. 262 p.

CARONE, Iray. **A psicologia tem paradigmas?**. São Paulo: Casa do Psicólogo/Fapesp, 2003. 118 p.

CASTAÑÓN, Gustavo Arja. **Psicología pós-moderna?: uma crítica epistemológica ao Construcionismo Social**. Rio de Janeiro: BookLink, 2007. 228 p. Coleção “Psicologia e Conhecimento”.

CREAVEN, Sean. **Marxism and realism: A materialistic application of realism in the social sciences**. Londres: Routledge, 2000. 337 p.

FONSECA, António M.. Subsídios para uma leitura desenvolvimental do processo de envelhecimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 277-289, 2007.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. 324 p.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal, lógica dialéctica**. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2013. 352 p.

LIMA E SILVA, Lucas Carneiro de. **O problema da unidade da Psicologia: uma análise crítica da produção nacional**. 2016. 195 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de

Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2016.

LOSURDO, Domenico. **A luta de classes**: uma história política e filosófica. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015. 400 p.

MINGHELLI, Beatriz et al.. Comparação dos níveis de ansiedade e depressão entre idosos ativos e sedentários. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 71-76, 2013.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Mudanças na percepção sobre o processo de envelhecimento: reflexões preliminares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 28, n. 4, p. 451-456, dez. 2012.

NERI, Anita Liberalesso. Teorias Psicológicas do envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lygia (orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. P. 100-140.

NERI, Anita Liberalesso. Teorias psicológicas do envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lygia (orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 102-118.

PENNA, Antônio Gomes. **Introdução à História da Psicologia Contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. 324 p.

PIAGET, Jean. **O Estruturalismo**. 3. ed. São Paulo: DIFEL, 1979. 119 p. Trabalho originalmente publicado em 1968. 261 p.

PIAGET, Jean. **Psicologia da Inteligência**. Petrópolis: Vozes, 2013. 256 p. Trabalho originalmente publicado em 1972.

PRADO JR., Caio. **Introdução à lógica dialética**: notas introdutórias. São Paulo: Brasiliense, 1979.

RIEGEL, Klaus F.. The dialectics of human development. **American Psychologist**, [s.l.], v. 31, n. 10, p.689-700, 1976.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 90 p. Trabalho originalmente publicado em 1930.

SUTHERLAND, Peter. **O desenvolvimento cognitivo actual**: Piaget e seus críticos. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. 296 p. Coleção “Epigénese e Desenvolvimento”.

WAN, Poe Yu-ze. Dialética, Complexidade e a Abordagem Sistêmica: por uma Reconciliação Crítica. **Revista Novos Rumos**, [s.l.], v. 55, n. 1, p.1-40, 30 jun. 2018.